

Vital Corrêa de Araújo

ASFÓDELOS E AGAPANTOS

**exercício de escatologia verbal
com poemas selvagens**

**ao Tártaro
e ao Aqueronte**

2016
CENTRO CULTURAL VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Vital Corrêa de Araújo

ASFÓDELOS E AGAPANTOS

**exercício de escatologia verbal
com poemas selvagens**

**ao Tártaro
e ao Aqueronte**

2016
CENTRO CULTURAL VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

2015 by Vital Corrêa de Araújo

Direitos reservados a
VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Projeto Gráfico e Finalização	Leonardo Ferreira - LF Studio
Capa	
Ilustração	
Revisão	
Produção Gráfica	Edições Bagaço

Araújo, Vital Corrêa de, 1945 -

Asfódelos e Agapantos / Vital Corrêa de Araújo; arte visual
Leonardo Ferreira - LF Studio. - Recife 2016.

1. POESIA BRASILEIRA - PERNAMBUCO. 2. POÉTICA.
3. ARAÚJO, VITAL CORRÊA DE, 1945 - DEPOIMENTOS.

DEDICATÓRIAS

A José Paulo Cavalcanti Filho
Sébastien Joachim
Rogério Generoso
Admmauro Gommaes
Osman Holanda Cavalcanti
Carlos Newton Júnior

Aos meus filhos Cláudio Neto e Murilo Gun
A minha mulher Dra. Ivonilde Dantas.

MENU (À LEITORA)

É O VAZIO AZUL OU AZUL VAZIO?	9
LÂMPADA SEPULTA	33
NENHUM OU TODOS DE NENHUM TODO É A POESIA A.	51
VÍRGULA	66
INVENTÁRIO VERBAL	82
RÚPIAS E ÚMEROS	97



**É O YAZIO AZUL
OU O AZUL YAZIO?**



INDEFINIDA MEDITAÇÃO À TARDE

Tarde após cinza do dia
vespertina sobrevivente em ruínas
à sanha da noite que se aproxima
após meio-dia de lata aborrecida
e luz de pó fuliginosa, como cacto agressiva
tarde para ver mosca da luz
através da veia da vidraça
ou do sangue semovente da barata
tarde que admoesta chaga noturna
sequestra lua
e carrega imo do tugúrio
para longe do anjo bege
tarde que morre impressada
na espessura árida e invisível do ocidente.

Da superfície do bulbo
arquipélago rasteja
na espumante alfombra
(ou no esôfago de rios sufocados)
em que ao lamaçal de pus
pausa contábil se oferece
como ato de mera humanidade.

Vazio vaso de água atíça seca.

Momentos não existem
todos se decompuseram
depauperados pelo êxtase do instantâneo
os últimos instantes pereceram
súbita e sucessivamente

o mundo perdeu o sentido
zumbis vivem dessentidos.

Música bebe t nis e intacta
insinua-se entre tuas coxas e nua
se instala ao arredor da nádega bela
enquanto trêmulos acasos buscam
desate ou inequa o do exato
e tudo se vai leve e farto até
tua tr mula nudez (nada dissimulada).

A morte demora a acabar
mesmo quando chega logo
e sem aviso expresso
começa a atuar
para te terminar.

Ah, como os silêncios são dissolutos
as exclamações pontiagudas, os hífenos sérios
ah, como as consoantes desmaltrapilham o texto
como sílabas convulsas encantam
porém nada como um hiato de sotaina.

Tudo se dirige, tudo se concentra
todos se ocupam ou promovem
a fragmentação do hímen.
Hímen íntegro e raro e alto.
O hímen é como o nome: só vale inteiro.
A nudez do nome é tal qual
farto vento no monte vênus (também farto).

É ímpio gozar sem o hímen.

O instinto da morte
não dura um instante.

Um lume assim não há, há
sim lâmpada sepulta
vidraça encarnada
zimbório de prata
outubro pálido
cio gélido
gato de lata
lume cálido
engulho e envelope anônimo.

Pelo sim e pelo não, nada.

És, apenas, um pronome: tu.
Eu sou vital.

Cadáver se desfazendo
é como a criação ao avesso
náusea não gozo
a realidade do mundo
a certeza do ser
o climatério do sangue
a verdade do IML
e a prova do verme
ao ver-me cadáver vital
é a realidade.

Nenhuma ressurreição vale a pena
ou é possível se o verme for rápida a larva.
Não dá tempo!
Ao aniquilamento não resiste nem a bíblia.
Até palavras morrem.
Homens param no tempo, imobilizados
pelo desuso e pela usura
ou fim do sopro. É que Deus
desistiu de você (leitora infiel).

Junto à noite, oro à pedra
divirjo de joia do coração inocente
deixo de acreditar no vermelho cru
lambo a pera da morte no túmulo
de agora e desisto do verbo
junto à sombra cúmplice.

Não há pedra angular
ou seixo fundamental
Alicerce é ilusão de pedreiro.
Pirâmide egípcia é monstrengo em ruínas.
Se não há prumo
como erguer o mundo?
Por isso Deus desistiu.
E partiu para um cosmo paralelo
qualquer (que Ele criara quando criança
brincando de deus).

Nada indicava o desrumo, tudo
implicava sem saída exatas
até a certeza de um axioma
era dogma.

À agonia de César ofereço
o punhal de Brutos.

Segundo certa lógica impura
todos morreremos
e as premissas também perecerão.
E a morte é tão total
que não restará nada à ressurreição.
Só a eternidade salvará.

Sobreviverá talvez
algum silogismo grego
e as sílabas do escuro.

O vazio é azul
ou o azul é vazio?

Eis o dilema que insolúvel rasteja.

Um dia quase dizia que
lua tem sobrelha lenta
e do escuro do páramo ouvia
piralamos pestenejando.

Tudo é como a cor do lírio.
Nada como a morte da rosa.

Na hora da Ressurreição servem peixes.
(E certamente algum vinho).

Sons azeviches ou roxos se enfileiraram
junto ao rosto azul da partitura
de sal ao longo do escombros da tarde
turquesa ou rapidamente angorá.

Olhar do túmulo erode. Evite
que sua íris se perca no cemitério.
Evite vieses azuis e suspeitas de câncer.
Caso sinta coceira ou torcicolos verdes
se embole nas gramas de Cambridge .
Se tiver ciúmes em Londres
visite Wittgenstein e leia com cuidado
o ditame de sua lápide sóbria.

A sal molhado rua feérica parecia
penachos ou faíscas entumesciam a noite da velha Albion
ou cones de fumaça, lãs castas
moléculas escapadas de um tecido.
Estendidas sobre relva sombras urdiam
algum amanhecer.

Num cemitério londrino, 2002

Do ventre do sal exposto
busco repouso.

Sepultada na cova escura da rosa estás.

Da praça do sol luz desertou.

As mãos da noites são cálidas (com o povo da lua).

Algo de evidência desaba.

Como alternativa, só existe alternativa.

O resto é certeza.

A verdade é uma viúva.
E foi mulher má (a vida toda).

O SILÊNCIO DO CLAUSTRO É BRANCO

Embora inacabada a brancura dos claustros
extasia o ser e afasta a penúria de si.
Alto ou baixo o sol se atira sobre vasto
silêncio dos claustros e enfurece as sílabas do urro
e defenestra o século pela janela
abandona cômodos e trastes do grito
joelhos da voz inocenta cobre
alma como o bramante ao corpo.
Não cessa silêncio e como monge
se apodera dos cantos e das estantes
se por pouco se dilui no espaço escuro
é que se adensa no longo curso do silêncio monacal exato
é irmão da noite e do dia ambíguo
amigo a refazer-se como um ventre.
O silêncio do claustro é casto e arcaico.

SENTIMENTO

Sentes, leitor tão claro, o instinto da palavra
insurgindo de tua pele descrente
obscuro perfume de uma tarde sem lua
pairar sobre narinas a beber teus olhos?
Sentes escunas noturnas e agrestes
transportar ferros da noite a mares inferiores
seus pesos e incômodos
de um dia banal e urbano?
Os panos sujos e espaços mínimos?
A alucinações sem os sais (azuis do ser)
que as tornam felizes voltando, sentes?

LUZ DÚPLICE

O semblante líquido ou não resta
num retrato esquecido na distância
teu rosto antigo espalhado na sala
(empalhado teu sorriso velho)
como palavras dispersas no poema
ou sombra da luz duplicada dos olhos.

Meses estão à morte
manhã desmamadas
curral do sol pende
como sombra ou graveto
são cinco horas nas madames
vaso dos continentes saciado
Holderlin bebe da tigela do arquipélago
Pão lírico com Vinho vasto (à Marcelino)
o uivo vence a igreja, nave se dissolve no grito
o avanço da alma é perpétuo
semestres deteriorados
desistiam dos calendários.

Vejo a manhã como uma réstia
relva um silêncio úmido
luz ultrapassa tato das pedras
não consigo ler verso, só inverso
vejo verbo como se o silêncio...

Por que não se aniquilam as tardes
e enfrentam a noite aberta?

Por que não se sabe quantos pratos
de horas cabem na bandeja da eternidade?

Dentro da noite interior vejo
nua imagem de mim mesmo
a morrer incessantemente.

ANTEMORTE

Da igreja esquerda do verbo
do resto da página o peso
dos sinos, a naufraga nave
o golfo de preces e peixes agonizando no esôfago da água
e às vezes o sol, às vezes o sal
a janela, o ídolo, a jaca, o crucifixo
e a continuação do ser nada.

EITOS

Sempre coloco sal no solstício
e aveias na véspera à espera
de qualquer ressurreição do silêncio
em minhas veias de uivo
em meus mementos de pânico.

O que seja fugaz amo.
Creio nos elos das preces, nos esses e na salivação dos crentes.
E na murmuração dos demônios.
E em doravantes
e em estrela vagas e em dúvidas crassas
creio no entanto e no sobretudo
(sobretudo, creio no entanto)
especialmente no pano abdominável da alma.

POEMA FAZ-SE COMO LUZ

Da queda ou da perda
do horizonte se faz poema
da melancolia da lua também
e de algo de náusea ou réstia de luz
da curva da imagem profunda
do teto de silêncio dos pássaros
de narcisos despenados
e desnorteados ulisses
se faz poema página a página (alma a alma)
do olhar infinitamente pedra
e de espelho cegos ou sepultos
como portos se faz poema.

Da graça da morte
e de obscura esperança
sai o poema.

Se desces algo ou descessasses
todos os sentidos, então...
a decomposição do gozo se cumpriria
até que esvanecesse toda a distância (entrecorpos)
e drástica infinitude se proclamasse
se não existisse no velho inferno
nenhuma estação, então
o que seria do poeta? (De Rimbaud e de mim).

É a noite atravessada ou ferida
por velozes meditações?
E frases de lata (ou de lua) aos montes
enchendo contêineres de poemas? (O pacos e plenos de luas).

E o silício, a lonjura, o vanádio
a mostarda, o amianto, a ternura, o asbesto
as saliência do sal e noites de alumínio falso
dias de náusea e anos de céσιο?

WEEKEND

V isitei as destilações da alma (nas altas terras do coração da Escócia)
dos alambiques do coração bebi
aridez e coivara, vi a lua arrulhar
e uma estrela morrer bêbada
a presença da sombra senti na praia do malte
de pedras náuticas e cromo
vi os moinhos do tormento e toquei
as engrenagens do inferno uma a uma
todas as tramoias do tempo vi
com meus olhos irrisórios.

E a alma ébria.

ARTE DA FUGA OU DEUS FAZ-SE

De que sopro, de que FIAT, Deus faz-se?
De fragmentos do fogo roubado veio o homem
à prometida terra que devasta.
Cavalos frios atropelam o inverno.
Da respiração das estrelas, extrai-se lume às pencas.
O putrescível não perece.
A eternidade é podre?
Quem não jogou o segundo tempo da infância?

Do adro ubérrimo brotou
pátio maduro e da adega
espumante brilho do lábio escorreu
e seiva da noite derramou-se como vômito azul
sobre colmeia da manhã lambuzada de luz
golfos de claridade náutica assediaram
baía escura e o baú da sombra
abriu-se como porta estreita
e foram como ângulos de água estagnada
num drinque eterno martelado
numa coquetelaria geométrica ultragitados
brindando a árida estrada o incerto rumo.

Surto de pérola, fugas de água
luas encaracoladas, anéis confusos
tecidos vermelhos, pajens sujos
e a placidez da hora em torno
de vorazes universos, de infernos claros
e extremos azuis.



LÂMPADA SEPULTA



LÂMPADA SEPULTA

Assim me deleito na votiva morte
Ao ânimo carcomido de mim

Este círio vertiginoso me venera
pálida luz espalha como espelho
sobre meu rumoroso rosto
aquietado pela morte indecorosa
como mármore fixado na face fria do tempo
trêmula claridade ele deposita
sobre idos olhos de íris esburacada
e órbitas de cores congeladas (bege real)
sobre o cenho extinto se alarga
e se curva sobre o sopro apagado como traço de giz.

Se espraia a débil luz triste e última
pelo meu corpo frágil e alma ausente
logo rechaçado pela alvura da treva vigente.

O coração bomba desatada (interrupto fluxo)
sangue desativado e enlouquecido a feder
em graxos coágulos e rombos escuros
retrocesso dispara e impugna veias.

À mão se conceda talvez
a última palavra (na forma de 2,3 versos fanados ou, enfim, finados)
jamais afinados com o tempo passado:
Vade retro, poeta sem vivo verbo!

Ao viço poético ido

O extremo círio
sequer perturbou a treva
e a baça luz (e mortiça) apenas
anuviou o escuro do corpo.

O que conduz sal à veia
é o que o salmo noturno profere.

Oração vive de lábio trêmulo
boca de murmuração (ralo de prece)
e o sopro habitante do esôfago
prende do viço de viver não se exaure.

Poema nasce primeiro que o mundo
do verbo de barro vem poeta.
Do barro do Verbo veio Deus.

A peroração do futuro vem
dos beijos de barro do Senhor.

(Quando louvores idólatras
apagarem-se, Deus se animará).

DO SILÊNCIO

Silêncio ama retiros
deserto de ermitões, prados infinitos
céus imponderáveis, círculos insones
cotas do espírito e épuras do tempo
além de quietas malhas de palavras.

Silêncio olha-se de soslaio
fixa-se em espelhos mas detesta gritos de vidro.

Ama poentes mutilados e pontes de vozes
dos ocasos de cores esdrúxulas
se apropria sempre o silêncio.

Às tardes pousadas no cansaço
ressequido do dia
às noites do páramo etéreo
do monte do Retiro
a conversar com estrelas

Toda manada de nuvens
espalhada no prado do céu disparada
como boiada ou coivara
pelo indescritível rebanho do vento.

Quantos hectólitros de água tem o Atlântico
indaguei-me uma tarde a bordo
do Bleu de France e comecei
intensa medição com o dedal do verbo
ao longo de 16 dias a peso do olhar
contei o mar (e terminei numa rima).
Rebanhos de água em currais de ondas
léguas líquidas anotadas do convés
incomensuráveis azuis me devorando a visão
a olhar o vê do vórtice da proa
me vi imerso no oceano de mim.

Bátegas de água medi
sob chusmas de sol
e pinos de espuma.

CONTO LÍRICO

As referências e os sentidos (tais e quais) dos poemas absolutos estão não nos textos (poemas), mas nos leitores (também absolutos).

Para comprovação, eis o texto *Átimo e sítio*.

Sítio de instante destituído de tempo e espaço, átimo de sítio enlouquecendo.

Para a poesia absoluta, só há o será ou só o ser do verbo e o a ver (ou haverá) ou o por vir (do si e do outro).

No entanto, há outro tempo em cada poema (presente futuro).

Ou melhor, há três tempos: o que passou, o que já é e o que ainda (?) será.

Há um rio inverso – fluxo desfazendo-se um rio otilcareh em que as águas voltam eternamente retornam à foz que foi fonte. (Ou foice do veio).

Rio de ilusão fluente e água árida. Onde dois não se banha de uma vez.

Onde está o corpus referencial do texto? Qual lírico cristal bebe, está na leitura. Ou no delírio real do leitor.

O texto lírico às vezes está permeado por rastros de fuga dos significados indo ao nada. É que o sentido é impermeável às dimensões de tempo e espaço. E sempre está no contexto, amarrado ao todo da escrita lírica. Ecumênica desde Virgílio.

Toda viagem é para o passado porque nela tudo (e todos) passa e é diferente de ir ao futuro, não futuro em forma de viagem, mas em postura de imobilidade ativa.

O texto lírico hoje há de evitar toda a superposição do tempo e toda sobre-exposição do espaço, em seus impassíveis referenciais ávidos.

Entre duas estações (ou equações) do passado e do futuro, trem do presente faz escala sempre, descarrilhando a maioria das vezes. Se a data tomba é que o samba cessa.

Se a data tomba é que o samba cessa.

E o tempo vindouro é mais severo e o passado é meio fantasmal, nada espesso, tênue como passado simples.

Para o poema, uma noite imóvel é vital.

A questão de estar acordado (no e com o poema) é secundária.

Em especial, porque todo poema é labiríntico, sob pena de não sê-lo poema.

Somente sombras ardentes, talvez. E deve ser absurdo como qualquer labirinto (em que touro de Creta fareje linho da virgem ática sempre no rastro do cio).

Cada poema deve-nos (a poeta e a outros) fazer perambular por avenidas áridas e errantes de estranhas cidades de palavras plenas de luas (sórdidas ou não) e de luzes avermelhando-se em que ardam vísceras taurinas cretenses ou não da vida cotidiana. Essa vida baça, patética, porém não peripatética.

No fim da conta poética, poema é um edifício de silêncio erigido sob gritos extintos. E tudo isso – toda essa ereção – fundado desconcertadamente sobre sistemas verbais distanciados de toda e qualquer habitualidade alienante.

Ao final, sobram só os despojos do destino expostos na rude brancura (falsa) da página. Esse céu inverso (em verso ou não), essa lauda de inutilidade total. Céus estrelados não sobram, pois o poema os enreda a todos. Em especial, porque todo poema que se preze vai ao fim do tempo (independendo de ultimatoss). O texto poético é como se fosse espelho enterrado nas almas. Espelhos dentro de espelhos, e espelhos cegos, almas dentro de almas, dobradiças do espírito desengatadas, sinas envidraçando-se, auréolas quebradas, tronos corruptos, credos decompostos, fés incineradas. Gosto de pensar que um verso absoluto paira sobre a página como uma sombra de aminoácidos. E que escrevo exclusivamente sobre o destino das palavras, embora não acredite em sina vital. Escrevo somente porque vou morrer: nenhum outro motivo há (haveria?).

Afinal, é bom dizer (?) que não irei ao enterro de alguns amigos (amigos amigos, tenho menos de uma dúzia – à inumação destes irei fervorosamente). E que amo cela de mosteiros – com bastante cilício - onde prendo (algeo e gemo como aljava) a solidão, impedindo-a de ir a bares e ruas (e pessoas) que a dilacerarão dissolvendo-a (impiedosamente sempre).

PEQUENAS AURORAS E GEOGRAFIA DO VENTRE

Pequenas auroras teus olhos
neles habitando lentos cisnes perdidos
deles luas nascentes brotando inocentes
cujas íris geram estrelas novas.
É teu olhar voo de pássaro amanhecendo.

Me aposso deles astros distantes
flagro fogueiras e ilusões vazias ou azuis.
Neles bebo paisagens e vertigens do paraíso.
Neles piscam ou vagam áridas gemas de luz sem data.

Sei: és de gaivota e açucena
ave de lua, cereal e jasmim.
E trazes no peito pássaros
de voo rosado como romãs.

Sei de todas as geometrias do teu olhar
enraizado no vitral do amanhã
sei das macias geografias do teu ventre
(ao sul dele está o porto do meu falo).

Sei de todas as nuas fragrâncias do desejo
o ápice do êxtase nele habita.
Mas não sei de teus saís azuis.

Dusseldorf, 2001

NOTURNO RUMOR DE MILHO

Pascem em ti jornadas e rebanhos
de manhãs debruçadas dos eretos saís dos seios já fartas
passam sobre almas anos descontínuos
elos insurrectos e alquimias me atam a ti
sôfrega e inconstantemente.

Sob pontes do lábio passam náufragas águas
em direção ao mar que é morrer.

Sobre a espessura de um instante pássaros vão.

Dás essências a paisagens
és intervalo de abelhas.

E começo da aurora nua (e do cio do amanhecer).

Assim que o lírio nasça vou a ti
como o milho no rumor do sol

Rua do Reno/Dusseldorf/2001
(após 13 taças de Statbears)

Algo nu arrebenta cônica noite
à cintura nua de um átomo ofereço saís do crepúsculo
atra sibila me aferra a sina surda
gonzos dos portões do paraíso recuso
até que vácuo luzidio me enlouqueça
ergo o nome como troféu anônimo.

Peixes ouço a pratear água rápida
uivos são dilaceram tímpano vão
escuto confissão de um celular culpado qualquer
secreta emulsão de litúrgicos elétrons
fótons de voz no limite do instantâneo
(novo nome de infinita e simultânea eternidade).

Passagem de tempo a espaço a escamotear
líquidos sádicos de uma pilha frágil
eletricidade da alma incinerando-se
a si mesma no sítio de um instante
em fluxo humano e atômico.

Noite láctea (em céu risonho) branca como pombos
que crepúsculos não golpeiam
nem verazes catálogos escamoteiam
(ou espátulas caldeiam).

Noite báltica e incorruptível como sonho
que mausoléus da moeda não assolam.

Noite sem látego, trégua ou neon
sem epitáfios de acrílico calcinado
nem estrela de estanho ou luar de delírios.

Noites intactas como uma virgem ou um abismo.

Longas noites nuas como uma frase de Dostoiévsky
ébrias noites brancas de Leningrado.

IMIGO AMOR

Inimigo amor, a hora
de prosa acabou.

Soou a pedra, voo não soou

O sou se foi, ficou
um eu sem nome.

E o inimigo amor ficou.

Como relâmpagos de Galápagos
é o poema entesourado na escura página.

Como lã de milho em lua de náilon
é o poema chá de agosto a boiar ao léu.

Como Dédalo prisioneiro arcano
de seu próprio labirinto falso
e o desastrado Icaro
esborrachando-se além dos muros
é o poema.

Só pó e cinza só.
E as vigas do urro ainda em pó.
Algum leitor a cozinhar botões
e chapéus de ídolos lassos.

Alfaces mecânicos e almas verdes autômatas
no armazém de escamas insinuando-se.

Para exterminar ácidos é o poema
(em defesa das más notícias costumeiras).

Todos os estábulos do lábio
toda a latrina do amor a bares
desabando é o poema.
Só resta pó, cinza resta.

Obs. Se a alma é gorda e lenta
a solução exata ou lipídica
é uma lipoaspiração do espírito
(sem a anestesia do êxtase).

POESIA?

Poesia é luz? De uma lâmpada sepulta, talvez.

Luz que esmaga os olhos
luz sólida como peso claro e desexato
ou muro incurável
(e o poeta Ícaro de cera).

Poesia fora dos clássicos parâmetros
é quinquilharia azul ou sombra verbal.

TENHO ALGO A CONFESSAR DETIDAMENTE.

Se o poema (vital, isto é, total) se constrói
a si mesmo movido pelo acaso do dínamo
do id poeta, só o inconsciente do leitor
o acaba (termina ou destrói), pela
geração espontânea de sentidos.

POEMA VITAL

A via do cervo é a solidão
(a veia do sal o veio do coração).

O cervo conheceu o ditame, a incerteza exata.
A erva maculada
folha e cúria
de que se abisma
do abismo que é caminho.

Te espero na espessura dos pássaros
entre jardins magnânimos
para o rosear do amor.

Te espero na tarde esmeralda
entre lascivo ocaso e gemas de desejo incontrolável
no esquivo início da noite abstrata e serena
perto do coração branco da aurora
quando rosas começaram a abrir
te espero, Amada (falsa).



NENHUM OU TODOS

de nenhum todo é a poesia a.



VISÃO FINAL (DEFINITIVA)

À mãe derrotada da bastarda vida

Vejo hospitais esclerosados agonizando, úlcera
das enfermarias alastrando-se
chegando rápido o oxigênio da agonia
anônimas dores dispersas nos brancos corredores
leitos em desalento, tubos entupindo bocas
seringas injetando ínfimas vidas
(apenas adiando o cadáver
e aumentando o lucro ou hospitalar)
lençóis desfalecidos, rios
de vômitos, oceanos de uivos crescentes
dos infelizes pacientes
alma submersa na tinta dos holofotes
respingando nas camas
e ovários da uterí
no bojo de água escura a morte esperando
a última agonia, o sopro extinto
entediada esperando o sinal negativo
a luz horizontal do linear painel
a luz verde e fria do fim abrir
o escabroso caminho
a estrada do confim já iluminada
por sombras indefectíveis
horrorosa trilha com cetins do inverno
ornada com perícia final de bisturi
a passagem crua flanqueada
ao desastre do Ser aberta
à veia do vazio absoluto (como último poema)
o naufrágio das cãs
nos sulcos acres do morto constatada.

À SOMBRA DO ÚLTIMO SOPRO (Ao pó em que se torna o alento)

Lançado como data de ferro sobre o nome
(lauda de pedra anônima, lápide derrotada
devota do ermo, da solidão irmã xipófaga)
foi o anátema súplica escura
(elevada do lume do abismo como usura)
da amarelecida alma do corpo encarnada
como seta bastarda do poço do sopro lançada.

LANCE

O
rnatos bélicos
adereços de sangue
coalhado de olhos de estrelas
brandas almas de bom lenho queima rápido
lenha da alma dura vira coivara
açoites atiçam holocaustos
do átrio que olha o meio-dia
trago brinde à ébria tarde
vasos do tabernáculo para que ardam
nutra de azeite candelabro
e lance óleo da unção
sobre cesto ázimo do pão
sobre bálsamo inusitado das gerações
siclos de cássia e sal dos salmos lance.

AMOR A SÁBADO

Amo sábado e sua sede nômade
manhãs beduínas e loucos relicários
(além da certeza branca dos domingos).
Sábados que trazem
sob feérica nudez das noites
louças tênues e lentas além de sono.
amo sábados, suas tendas de lástima sonolenta
e tardes náufragas
fendas cafeínadas
e atentas madrugadas perdidas
sábado e suas âncoras aminoácidas
sábado e suas ânsias adomingadas.

Amo também as hostes
dos anjos demolidos da madrugada ébria
e as cinzas das quartas-feiras inglesas.

Amo as areias onde heróis
deixaram terríveis pegadas das batalhas
logo apagadas.

FALAVRA

E o que tenho além
do inferno de cada dia
céu enlutado, famélica garoa
pássaro noturno de canto curvo
ítem de metileno e azul dilúvio
de atro metano
derramando-se da alma
pondo-se numa imóvel palavra
como em ninho avesso
verbo rebelado.

Começa treva da tarde
lua se enveluda, se dilui o dia
em negro desengano
crepúsculo se atiça de silêncio
vagamente vai a luz negando-se
sino alucina-se
noite estrebucha
do parto da manhã quando
mundo ainda carpia
fim seguido do dia
seu trânsito, eteridade, rebeldia.

O pesaroso estado da absurda escura
geometria da alma truncada
monumentos do tempo desabando
morte dos caules edificada
demiurgo lírico desatado
cruas pontes, edifícios lassos (de aço pálido)
pobre rascunho de um universo vago
minérios raros, bismutos longos
rancoroso som de licor podre
tempo fechado em época noturna
sentimentos desvendados.
Metal dos conceitos rebatido
forja da palavra incontida
incognoscível expressão
da ata da alma lavrada com tintas hieroglíficas.

A bomba nuclear para Drummond
é grotesca de tão metuenda
e coça a persa panturrilha abaixo
amanhã promete ser melhorzinha
mas esquece
é a bomba vinda do ímpeto do núcleo
flor de pânico apavorando floricultores mineiros
enrodilhada das chaminés como metálica serpente
envenena crianças antes de nascer
é a bomba além de inumana câncer
do ventre da primavera, lento cancro
cogumelo alto, indizível invenção humana.
A bomba que anunciou Drummond: a poesia em pânico.
Que Vinícius também cantou.

ABSOLUTO DRUMMOND

Ea luz que da vidraça
da choça lança-se
derrama-se no curral
e súbita surge multiplicada
sua estátua de sal”. (CDA)

“Na horta luar de natal abençoando legumes”
Eis o imbatível CDA revelando o humano
na bonança da verdura.

“Vem da sala do linotipo
doce música mecânica”
piano de letras embaralhando a página
impregnada de lirismo brasileiro puro.

Eis CDA sempre entre rudes madressilvas
magnólias desatadas, dálias esplendorosas
sempre-vivas desbotadas (ou escurecendo)
CDA entre pétalas de palavras camponesas
e o olhar desditoso (debulhando cio)
da moça desfolhando amplos malmequeres
entre tantas rosas indiferentes (ou abortadas).

Rosas que brotam do asfalto da palavra.
Flor de cio e hecatombe.

DA SOLIDÃO REAL

A luz da solidão é sólida
(não há solidão escura).

É o facho do sol tear da sombra.
São olhos humanos que lavram escuro.

Morto pântano, ânimo solto
verso sânscrito.

Ver-se num dilúvio vérmico
é o fim humano.

A Francisco, o diplomata solitário
Cônsul Geral de Deus na Terra.

IRREFLEXÃO

Narciso beira o êxtase
da desesperada fonte que o refrata
e irrefletido vai à volúpia de si
o reflexo da beleza hipnotiza e afoga
o desespero nasce da impossibilidade de ver-se
o que vê, de ter-se ou ser o outro
e ele mesmo, outro mesmo e ele
(o outro e iluso e imagem)
o encanto em fluxo vital e voraz
desencanta quem não reflete
antes de ser reflexo.

As palavras no lábio do poema
Por perseus de ouro assinadas
pégasos e medusas de mãos dadas
das laceradas úlceras do céu a lua
se abrindo como fagulhas e de brasas engatilhadas
ou gritos longevos
estrelas em desespero suicidando-se
no poço dos buracos negros
alastrando-se a lástima dos pusilânimes
a garganta da luz cerce cortada.

DEUS AO MEIO-DIA

Como uivo de ágata ou eco de cacto é Deus ao meio-dia
horda de pedra ecoa das ocas casas da tarde desvalida
acordam perfumes graves plenos clarins de baunilha
flautas de agudas madressilvas altos pássaros incitam
toçaiam eflúvios azáfamas nuas
sono do campo ornã sonâmbulas lavandas
dos sulcos modulados da safra correm valsas hertezianas
torre lírio aroma luz do nome
perplexas gaivotas escandem asas (aéreas valsas modulã)
agonizam albatrozes dos conveses enquanto
escamoteia rimas arrependido parnasiano
e ondulações de sal temem áridos precipícios.

Uivos hipnóticos aparelham olho de cobalto
âmbito de prata desata a dor
do amanhecer que tarda entre prata e harpa.

Agrícolas rumores sombras de silos devassam
himalaias e caatingas rosas e turmalinas atentam
milhos ungidos de nojo a pendões do futuro acenam
sons sinuosos ou cavos do páramo disparam
por sobre hortas, trevas e canoros círios
deixando reinar tumulto de lírio
vórtice de dália impregnando vertigem.

Dor do amanhecer finda
cessa frêmito de temor da aurora
cujo útero exala flores de pássaros
aves e rosas em jorro de alegria arrulham.
Poentes de opala agrilhoam luar pálido
engenhos de nácar industriam violões de sal e verdes hortos
a prata da palavra debrua a página. Como gusa a carne.

É a tarde invenção de um deus ao meio-dia.

Açucares são letras que fogem e se atiram
dos braços de sátiros amaros (a bocas e feudos)
a canoros e doces abraços de abelha sublevando
açucenas nacaradas (de vespertina duração)
de injúrias florais prenhas.

Macias maçãs rondam-te rosto ermo.
Lírios que duram uma tarde recolho
do relento da alma.

Desejos viram aromas. Roseirais visões.
E pêssegos do lábio em meio a sedas
de saliva mamilos iluminam.

Da alma pele recolhe último escombros
para eitos onde viceje silêncio succulento
(longe dos amaros tugúrios do grito).

DÚVIDAS À TARDE

Dúvidas são ruas e rasgam o rosto do dia.
Dádivas são fontes do verbo, leitões da lua vazia
mananciais sem nome, seivas vãs, licores tristes.
Nome amanhece sob pálios melancólicos
e trastes entre tramas duras dentre tâmara nua.
Entre fortalezas de lírios e cansaços de bronze (metais afadigados
sonhando com bismutos lunares).

Ao decúbito floral do eucalipto assiste
rosa solitária. Endro e baunilha copulam abertamente.

Do congresso de rosas (assembleias de vento)
vêm lautos compêndios (dos alfarrábios da várzea)
chegam tratados, capítulos e antanhos incisivos
vasilhames, manuscritos, hieroglíficas filosofias

alcândores nus, vislumbres de azeite
chusmas de vagalumes e odisseias do trânsito chegam.

Berços de candura, lumes de cobalto
sonoros cubos, prantos de lata, luas de cerâmica
tecnológicos apocalipses, hinos escatológicos escuros
preanunciam plúmbeos cantos recebem
comoventes chorumes em desfiles nasais
sob bâtegas sôfregas de metano amaro
recepionam os novos objetos poéticos.

A perda do nome é noite anônima
o dano da alma é colateral da vida.



YÍRGULA



PONTO

O ponto de vista convencional
ou leitura clichêzinha
de leitor normal (ordinário)
para a Poesia Absoluta é desastre pleno.
A este não interessam transcendências.

(Mesmo o imanente o ameaça).

Então: vírgula e ponto
em homo conúbio acentual
vão à página do poema sem igual.

Nota: despreze o sentido (ilusório)
quando for ao poemabsoluto.

AVISO

Não me compadeço de leitor elementar.
Não me desculpo com leitor
que não me entenda
pois a insuficiência
é dele, não minha.

A música mordaz de meu poema
não se recomenda a ouças deles.
Pois o som do céu é de pássaro.

Minérios raros e bismutos longos
além de azuis persas melhoram o poema.

Som rancoroso de licor podre
é melhor do que tempo fechado.

“O gado é que anoitece / e na luz que a vidraça da casa fazendeira
/derrama no curral surge multiplicada / sua estátua de sal”.

Carlos Drummond de Andrade

Ao sabor (não tão bom) das circunstâncias escrevo
e meu verbo é real e está à altura
das impossibilidades mais perfeitas.

Ele – o poema vital – é como um édito mudo
proclamado por nuncios obesos (de ímpios dentes)
cheio de enunciados não confirmados
preparados com cálculo renal de cervos.

Quanto mais resistência de encontrar
palavra adequada maior
consciência de obtê-la.

Existem celebérrimos autores (poetas, inclusive)
cujas obras são apenas e amplamente
eliminações de emoção:
escrevem com os rins do sentimento.

TIGRE NEGRO

Tigre, tigre, coorte de luz da veia
matilha de fogo do olhar felino
lascivo ardor envolve bosque da alma.
Que imortal mão algum dia talvez
tão veloce simetria criou? (Da safra do verbo).

De que abismos ou céus fogo sobe
incinera olhos e a brasa da vida
de asas alça-se e embosca o ser?

Toda a luz dos olhos abrir-se sem trégua
todo o viço do tigre iluminar o sangue
toda a simetria a floresta tornar
candeia e incêndio, poesia e verdade.

a Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque

CORRUPTÍVEL CORAÇÃO

Coração não vive de júbilos e dores
mas de músicas severas, cauterizam-no
o sal e o sol, a sede e o suor
acácias o acalentam e hinos zelosos
ampliam o sangue, válvulas
viram canções, bombas rítmicas
o embalam, fugidio encanto exalça-se
amontoa-se brilho no úmido cerne das artérias
trégua regula o banimento
que a paz comanda.

Fora dele lábio das estrelas busca
orvalho inclemente, cruel relva
quando desertos mais íntimos
do sangue dos homens avultam
sepulto sono cio desperta
faz tremer vermelho das veias
antes impotentes como mar
profundo ávido, cujas ondas vibram
carne retoma brilho selvagem
torna carnívoro jubiloso coração.

QUANTA

Quantas alvoradas de nácar e opala
contêm uma noite de madreperla?
Quanta luz solar enche uma bacia de claridade?
E uma pétala lenta da madrugada
quem resiste à surda contemplação?
Ébrias mandíbulas, quem as lambe?
Pegadas de mordomos aos domingos
quem porventura as encontra?

Vida depende do teor de carícias
das cartomantes das esquinas
de mão única.

Enquanto Adamastor se masturbava
a montanha do delírio vinha abaixo
e chorava a penedia do rio.

Todo desespero é azul
áspero seu cálculo e o amor marrom.
Epitalâmio triste componho
para repouso eterno dos sistemas
aglomerados, consórcios, organizações vis.

PRECIPÍCIOS OCEÂNICOS

Sob pântanos enterrados em areias de horas
jazem milênios
entre ossos e criptas está a história
labaredas de flores e aromas debelam
escuras narinas
submerso nos escolhos da civilização viva
jaz o homem destemporalizado de agora.
Alicerces de liames ergo com palavras.

Candelabro de sombras abro
sobre ventre austero da treva
dela extraio aurora de bramante árido
e grito de trigo ecoa
do cone dos sinos.

AO PODER DA VERDADE

Ignota verdade qual albedio voraz
se desespera longe do homem, asilada do ser
perdida na alma
(em algum arrabalde de lodo afogada)
cria da libido e do cio amaro filha
a quem foi oferecida como o fogo
a Prometeu.

Ao redor de uma taberna lisboeta
num tugúrio luso músculos
de Ulisses clamorosos acharam-se.

Tigre inesperado traz salto na alma armado.
como alce móbil, mole rápida
ou aço de veloce mandíbula.

A lentidão são leões embaraçados.

POEMA AO CONFIM DO MUNDO E DE MIM

Trituro toda a dor do mundo
inundo-me do prazer do sofrimento
em mim pulsando como um muro
o do coração exilado, cego gnomo
de carne, sangue e músculo baldio
abomino tempo que fome deixa
sobre esqueleto do estômago
e verão da violência crestando
amantes feitos de ossos de primavera e úmeros esquerdos
seios de ditirambo e abelha
crianças abandonadas sobre
cordão umbilical no chão
feto telúrico, caos vital.

Veias de veneno vindes a mim.
Córregos de pranto amaro
bebei-me impuro, banhem-se
águas malditas do bendito sumo que esvazio.
Esgotos burgueses cheirem a mau
defequem-me, nojos
iluminem-me a alma (sobejos de sarjetas e vômitos
aplaudam-me).

PROGRAMA

Exilar-se dos desertos da certezas dos cadinhos
da vida sem vírgulas ou montras
da âncora dos portos fugir
a margens dos naufrágios ir
acolher quilhas, soalhos lousas e solos da vida
exilar-se dos sais profundos das mortais centelhas do verbo
das primordiais certezas desbordadas das retortas
dos estilhaços do silêncio para morrer (desvirgulado).

O POEMA DECLINA

O poema declina
de toda responsabilidade
com leitor casto, inocente, imediato
voltado a sílabas ou colisões de sons finais
não votado ao objeto
desenhado pelas palavras.
De leitor ocupado por
palavras precisas
bem colocadas, encastoadas, encáusticas
familiares como uma cadela d'água
o poeta declina
de qualquer responsabilidade
com leitor canhestro, exausto
ante primeira palavra que desconheça, incauto
leitor bem comportado incapaz
de ousadias exegéticas (o que é isso?).
Leitor culpado pelo bom gosto exato
asséptico pasteurizado
vespertino leitor coitado.

O poema declina como céu no pátio
inclinado para o alto do tempo passado
a cordas e trapos
pois poema não educa, mancha
não purifica página, perverte-a.

Ante aturdido céu declina
pátio parece chão de estrelas
em cachos
pedra educada e alta
a lua sacrificada
em nome de namorados
lua desenhada para gáudio
de serestas sem data.

Haverá poesia enquanto
o desconexo, a impossibilia
que a impregnam de verdade escura
pontiaguda, não comensurável
sem rendas ou medidas românticas
pulverizadas de cáusticas auras
pobre de esgotos de imagens
prevalecerem.

DÍSTICOS EXATOS

Calcanhares de cadáveres são frágeis
como os do tolo Aquiles.

Como são ágeis e furiosas as sombras
que maquinal claridade não desarma.

Lenços atirados a nuvens
os basaltos da alma aprimorando-se.

À retina dos zigurates me retiro
a sombra das árvores é áspera.

Não falo de câmaras nem de interdito
nem de comboios intestinos.

Digo que lágrimas tombam dos ombros
que fumaça de turfa ensurdece o mundo.

Em surdina sangue pulsa calmo
como um touro desbravado.

Os panos do inverno estão vazios
a canela não triunfa sobre o lodo.

O eco dos aromas desbarata
narizes escuros.

É o mal passando ou assado.
É a loucura estreitando seus laços.

É o éter das esferas musicais
testando as partituras do eterno.

São uníssonas pedras em dissídio
e o destino abalado como louça.

À borda insubornável do tempo
não interessa a opinião do trânsito.

Se se sepulta o alento
é porque o sopro está exausto.

Roçar élitros
palpos tocar.

O coro da vertigem é branco
a causa do subúrbio estranha.

O oblíquo ama o côncavo.
O convexo detesta o pranto.

Brilho de chama a arder
da fomalha vermelha à beira.

Lento pressentir de feridas
fêmur de pantera aponta.

Entre a argila e o rouxinol
resta um pouco de redenção.

Sonhos se fazem pó
e o futuro lama.

Aragem divina deslumbra e vibra
o sopro de Deus arrasta as criaturas ao léu.

O rosto ardor, a sombra horta
rendimento piras e sol de frutas.

Basta incinerar círios
para dissimular velórios.



INVENTÁRIO VERBAL



INQUÉRITO LÍRICO

Interroga as grades, edital de nervuras
espalha nos átrios das últimas catedrais
notícias de blasfemas sevícias
batalhas se cruzam sobre os corpos da paz
guerreiros nutrem a morte com vísceras vivas
e servem proteínas a abutres senatoriais
hortas ruem enquanto gládios vicejam
da movelaria do abandono vêm apressadas
chusmas de caixões heroicos
e os cemitérios das pátrias prosperam
como a morte de cada dia (e noite no meio)
uiva o covil, o cosmo reclama
a morte brusca dos buracos negros
triunfa o rastro racista
no prumo do céu
limos apodrecidas envelam o barro
e do útero da areia sai o filho da pedra sem data.

Faíscas gargalham, chispas golfam dos esôfagos
afogados nas gargantas mecânicas
da sarjeta do soneto sai a ordem inumana
cópias de ideias se espalham enquanto a mimese dorme
sono solto e lauto
dos ninhos de Auerbach discursos do tempo (sem decurso)
e se proclama a vitória significante
dos músculos do piano de Spinoza
tenso como uma lupa ou um pentâmetro
desperta mônadas vindas do riso de Demócrito
os coros magistras de Bach abaulam órgãos
emocionam naves das catedrais
as incertezas versáteis e o apuro retórico
de Zembrano (diva e ídola vital)
ecoa na alma como a pupila no olhar
a erva se expande com o universo
(hostes de canabis avançam contra o pálido decreto dos homens)
o fogo dança (na sala de Falla)
a vida falha, a água mina, o tempo orvalha
agora o urubu de Augusto paira na página.

Ante ourives pasmos sílabas de prata cantam
e hiatos rebelados rasgam palavras
vórtices acesos de vogais farfalham
martelos solitários pregos nauseabundos
idolatram bigornas azuis nascem de fráguas
canis amam-se, menires voltam
ventos solares ameaçam o início de nitrato
as galerias hexagonais dos labirintos de Borges
gritam assustando minotauros senis
e perfídias cretenses, eleatas mandíbulas
estraçalham heráclitos e sofistas
hiatos e acrobatas invadem praças
envergam trapézio, devoram geometrias cruas
as cenas do tempo e da página voltam da ribalta
hidráulicas morrem e trompas berram
(Esculápio e Falópio se aliam no ápice)
enquanto flautas e ossos avançam nos esôfagos
lesmas correm mais que cágados
ecos vencem rinha de gritos
e séculos sobre histeria dos homens se abatem.

ESCAVE LOGO SEU ID

Escave seu id diariamente.

Sem a pressa que aniquila o verso
mas não descure dessa providência
magnífica que o salvará
dos desmandos do ego moroso
e burocrático.

A escavação do id revela riquezas sem conta
pérolas loucas, tiaras esquizofrênicas raras.
Além dos impulsos do recalçado Freud
além das safras arcaicas da sombra de Jung
novos conteúdos poéticos se revelam
resvalam dos açudes do id à superfície da página
percepções cognitivas assomam.

A flor tenra do espírito abrindo
profundos caminhos atávicos
e estradas ancestrais desconhecidas.

Nada me abate mais
do que o touro de teus olhos tristes
lançados sobre o corpo
de velhos restolhos
e escolhas escuras
ou incomodadas domesticações
manada de indomadas sombras.
nada me atija mais
(do) que teu lábio árduo mordendo-me
o falo civil buscando em uma boca
marcas de antigos saís dovolutos
já quase extintos da sede de mar
que eu tinha.

PORMENOR DE TERREMOTO (OU RUMOR DE FERRO)

O meio-dia é pleno de sombras
que do trote da luz se geram
e pelos prados do céu da página
se completam.

O meio-dia é esférico como farinha
e composto por arestas de luz e castelos de evas
(como açúcar ou cônico osso de Cervantes).

Nenhum meio-dia é pleno, no entanto.
Nenhum meio-dia é curvo sobretudo.

É melhor, muito melhor e mais saudável
leitor elementar
não ler Poesia Absoluta.
Porque para ele é inutilidade sem graça
complexidade barata.

E é esférico como o tempo o poema
(que a leitor ridículo detesta).

PROGRAMA

1.A IDEOLOGIA (HIDRÁCULA)

Vou lutar pelos desvalidos (tímidos)
e ansiosos indecisos
pela reversão da esperança
em puro desespero
vou lutar pelos fracassados (e derrotados)
esses abençoados ao contrário
lutar pelo fim dos encanamentos
e descargas de material plástico
e instituição da Hidra e Drácula
em lugar de água de coco e banheiros químicos
para o lar do futuro.

Repita: em lugar de encanamento
água de coco e banheiro químico.

MINIMANIFESTO

Se o mundo cobra sentido
da Poesia Absoluta é que exige
do mesmo modo a alienação produtiva
como motor de suas conquistas.

Não dê sentido ao mundo
porque ele é capaz de alienar ídolos e sais pios
Ou vendê-los. Pois ao homem hoje
só o sentido bursátil é vital.

AMIGO ABSOLUTO

ao escocês Edgard Powell i.m.
e aos bordeis que semeamos

De ti absoluto cuja nudez expressa
cobre os arrecifes e imacula conchas
me despeço com essa canção (à revelia de mim)
e a teus pés amarro meus sonhos.

Ontem te vi ereto como mastim da velha Álbion
com a sede do céu e o rumor do orvalho
pendurados em teus rosto antigo
e acordei hoje com a volúpia do trigo safreando.

Agora lanço meu verbo ao vento
para que palavras virem nuvens (ou pássaros)
e se vejam a si mesmas
do alto do teu concílio
(de fogo, beleza, relâmpago e sigilo).

Se já não vêm primaveras
satisfaz-me teu braço erguido na praça do silêncio de pedra.

Transformo palavras, não as compreendo
e aprendi de ti ofício de ternura (de ti e Neruda)
e capacidade de sede do amanhã
saído das jarras da manhã que é mulher.

Não arredes da pedra (nem da alma)
nem temas cólera de céus plúmbeos
me dizias: ataca a essência jovem da vida
com arrimo no verbo invencível.
Sejas vela que não teme horizontes.
Nau singrando nos mares escuros da memória.
Escuna em busca do porvir de um cais qualquer
(com a quilha do verbo em riste ao vento violento).
Que os reveses do dia gestem
noites amigas, amigo.

(Sei que virarás aurora
e te verei do ventre do amanhã
que vier após noite vital).

a Mário Hélio
da Geração do Pátio
e do Clube dos 13
que Edgard viveu.

POETA E LEÕES

Leões estraçalham crepúsculos
farejam auroras, lembem leves
púbis de gazelas enquanto
centopéias acariciam imo nu do orvalho
e abetos bebem ruínas.

Leões espreitam úmido ventre da manhã
voluptuoso rócio sugam enquanto
abro carapaças (ou ditirambos)
e busco da boca dos moluscos
brilho de ladainhas úmidas, cálcios rurais
(da imaculada concha prisioneiro
da pálida e lenta cerâmica servo).

Sobre noite singra dia emigrante
em lenta nave de papoula sombra voa

vem lua num cavalo Jorge
de brocado verde e galope fulvo

nau da hora veleja
sobre dorso de trânsito e leveza

mar veloz como fonte
da ébria água do rio primevo

corre como farelo
arrasta seixos e cinzas de urzes.

Lâmina dos fatos degola
ego do antes agora.

E sempre.

Harpas de cedro cantante
dá Salomão à rainha de Sabá.

Do Líbano julgamentos de cedro
como touros enfrentando rosto oeste.

Cálice (cheios) de lumes
cubos de bronze acesos
êxtases geométricos e gozo dos ângulos
pesa os utensílios
dos corações dos sinos a tristeza.

Recôndito vaso vaza em mim.

Sons ósseo ouvirás
ósseos sons das náuseas da palavra
erma na página egolátrica.

Do big data ao big brother
quanto?
Um bit ou dois, um quantum ou mais
uma lata ou meio ósculo?

Poema à luta do renhido seio
da moçoila que a juventude rebela
(e hormônios harmonizam com o mundo)
para escapar do jângal da blusa
pele alargamento providencial do decote.

Pó e vitupério
macias apostasias
contritos axiomas
aporias de cobalto e celeuma
deus desolado com as criaturas
só o tempo sela o lábio
e desamordaça o poema
a metade do tempo que se vive
não é bastante
para ouvir esplendor tão nítido
quanto treva
poucos verão o poema
(primavera absoluta)
muitos o amaldiçoaram
(seu som e insensato sentido).



RÚPIAS E ÚMERO S



CRER

Tendo crido na sonolência dos aracnídeos na pestilência e nos patíbulos comecei a prática da equitação de salivas adornado de quelíceras exímias na soleira de abril implacável (porém não cruel) em direção à hara do semestre à macia montaria dediquei outras gosmas além de selas e tropéis (e solavancos verticais) entendi tudo da respiração do nada e hospitalizei todos os afetos gritantes ou menos notórios (na enfermaria do destino) e ejaculei, até que da cinza dos cilindros (da geometria cremada) retirei o hino. A que aditei os sais da especulação e preces ejaculatórias (também gosmentas).

Tendo crido no impropério e não na prédica no impulso e não na peroração tendo ouvido trens (fantasiados) e a vulva do uivo tendo examinado com percuciência fisiológica e paciência anatômica (com pinças febris) a clavícula de Calígula, adormeci.

Em toda sua frágil espessura (óssea) degenerada bisbilhotei (com inclusive a devida ortoépia) devassa ortopedia (cavalar).

Tendo cauterizado o evanescente ávido
(que mora em mim) e medido a estatina total
cada fração erógena, sistros, ampolas
incubado o leão hidráulico (de líquido rugido)
digo, heráldico (de rosar plúmbeo e alma de bronze)
comecei os acoplamentos urbanos (a drenagem
do líquor para depois do cadáver) aferindo
cano a cano os ateromas mais vivos (e o silêncio esclerótico)
dia a dia a pulsão água vermelha medi
saneada a vertigem e a silhueta do coice
identificado o covil ou hara do uivo pensei
em iniciar este poema por:

Tendo manuseado todos os aerólitos cansados
as espaçonaves frustradas e meteoros anais
cudadosamente manuscritando tudo com os pés
ingressei na sulfurosa hidráulica da alma
ou do sereno a esmagar costelas verbais
ou deglutí-las desmastigadamente
sempre atento às obsessões giratórias das gramáticas
terrenas (para não dizer efêmeras)
que me gravitam a pena (dolosamente).
Mas não esqueci em todo esse atro ou grato
périplo verbal os esteróides e as mulheres.

ADENDO AO POEMA

Crer no que ver. Ou ver para criar pró (ou procriar visões).
Olhar bem nítida e detidamente
(com a mente nunca demente)

os cus astronômicos, vírgulas do cio, bondes, abcissas de gozo
e macios e luzentes cabelos dos cometas, o falo belo de Saturno
os buracos negros fedentinos do sexo celeste
as coxas do cosmos e sua vulva diva
os famintos meteoros de prata vindicativa
além do orvalho e após frequentar cafeteiras felinas, caninas
sombras canibais, começar a expelir da página
sentenças pleurais a ouvir
metamorfoses de Ovídio no rádio
e aduzir à coleção de topázios
fraturados ou acesas gemas (ou semas) de palavras rurais
aditar verbos a minha pele sem alma
após admoestar o mundo em poemas
à vala comum das mortais palavras guardar
como amigo no coração o sintagma: fúnebre círio.

Alentos vastos do pulmão de Deus desperdiçados.

Íncubo sou (a incubar súcubos
por séculos e séculos sem amém: o poeta).

Óxidos vulneráveis a tréguas de oxigênio
buracos negros desaparecidos, as bombas
do bigbang desarmadas e o espírito
de Deus expandindo infinito afora

em direção à eternidade dos núcleos atômicos
pânicos destróçados
rebeldias demolidas
equações escravocratas irresolutas
enigmas descozidos
álgebras brancas proibidas
o cálcio dos axiomas desgastado
empedernidos gerúndios abandonados
úteis conectivos despedaçados como carne de cavalo
nos açougues dos magnatas em X
e bissetrizes estupradas
em leitões triangulares
coberto por lençóis malvados.
Cápsulas e crônometros já gastos
gestas e lêmures amalgamados
e objetos batavos ou lascivos abandonados
em ilhas eslavas de perímetro duradouro
de margens prateadas como lua idiota.

Inseminas palavras devolutas armazenadas
em contêineres lunares inapropriados
ossos vociferando à beira de covas abandonadas
a ideologia dos répteis fornecendo
couraças democráticas corriqueiras
e remédios improváveis à sucia
dos corruptos absolutos.

Aromas não amorosos e menstruados
com narizes europeus amasiados
carbonos invocando primogenitura
na criação do homem
e a carótida fresca dos touros oferecida
a navalhas inábeis e golpes de falcatrua, insinuas
leitor indolente?

Lavores a carvões e medicinas brancas
endomingadas com ataduras de grafites
casulo bruxuleando em Genebra (cálido falo de água)
e espermatozoides torturados nas oficinas do amor
panegíricos em aliança com necrológicos
óbitos associados a úteros
fertilizações salinas com pênis de saliva
fagulhas prateadas em pranto escapando dos azulejos
para índices dourados
constelações de nitratos em céus plúmbeos
o sopro galopando na haras da Via Láctea
emboscadas em ruínas do fogo de palha
mulheres de lata (púbis plástico)
e agulhas apontadas ao coração noturno (de fagulhas cegas)
por homens mais que desalmados
embalsamados de perdições e opróbrios vazios (como penúria).
O turbulento esplendor em declínio atro
uivos cauterizados nas gargantas das múmias
epifanias desaparecendo e uvas demolidas
das vindimas do amanhecer desnaturado instauradas
na feéricas aurora das coivaras vencedoras.

VENHO DA TARDE

Venho da tarde, à tarde vou
não descendo da noite longínqua
pétreo belvedere de estrelas tristes.

Não sou da noite que angústias agrava
habitada de fantasmas (e aparições sem ventre)
acossada de luzes que destroçam íris
com sua razão feérica de sombras vivas
obus de elétrons disparando lâmpadas sem alma.

Sou a tarde eterna plena
de tertúlias e cavalos
(aliterando volúpia de lótus
com papoulas lentas).

Venho da tarde porque sou noturno
vou a ela porque desertei do meio-dia.

Rocinante ruminando e semovente
em litígio com capachos estéreis
neuroses amontoadas nas salas da mente
e hábitos rasurados de monges dementes
necroses ressuscitando e órbitas de bois
espalhadas entre os óleos ósseos dos olhos do cu
brotoejas triunfando na pele dos condes
decadentes madames filantrópicas nuas
escrituras incendiadas nas praças sem ovações
e óvulos ressurgindo de gerúndios noturnos
lâmpadas, moluscos e tarântulas em aliança
efígeis e vácuos esquecidos nas gavetas
dos senadores empovilhados de euros furiosos
omoplatas dos séculos aborrecidos
do trânsito indelével e da pulsação
carnívora dos alfarrábios em ruínas
a clavícula do lírio emboscada
nos jardins canibais de agora
matilhas de brilho arrependidas
e solfejos enterrados nas gargantas sem canto.

MORTE DA TARDE

Quando a tarde morre
ceifada por horas negras
dá-se enterro vasto
com pompas bêbadas.

Velório é o bar, féretro
a noite imensa.

Vaga lua olha
arroz que ora e úmida
doura o broto puro.

Rubro incenso sobe
do altar e cobre
abutre da manhã.

Sei que albas bebem teus olhos
dessedentas meios-dias, feridas recalçadas e anelos
em ti buscam repouso e cicatriz, seminário e talvez
cóleras e orgulhosas curas. (Ao ID).

Perla de âmbar solitário nasce
da concha da mão amante e ávida
seio nasce lasso (firme o sugas).

Nuance lance (nenhuma ou alguma)
mácula ou inútil lamento
debruçada sobre azul
a entremostrar ostra
entre pétreas (e cárneas) coxas
mamilo na boca
(e o vazio da vida, onde fica?).

(Marinha volúpia evade-se
da foz das coxas
lúbrica aragem
percorre a face
rosto inunda-se
de vital sêmen
e despede-se).
(Cio do id).

Teu rosto vem do arroz
seio bebe lições de macias maçãs
enrubesce como líquidos potros a carne

teus olhos são da estirpe doura de estrelas (velhas e novas)
teus braços enlaçam adeuses longínquos
como cometas de afeto (girando a esmo).

Sombra e pó, o que mais te deixo?

